

Carlos Gomes, o esquecido

CMP 2.1.9.49

Celso Maria de Mello Pupo

Falar aqui entre vós, não é só elevação, não é só grande orgulho para o menor dos vossos amigos: ainda é um imenso prazer neste convívio cordial; ainda é o meio de assegurar-vos a minha sensibilidade pelo vosso convite que me soergue da minha pequenez e que, pela vossa amizade, me impele a ocupar tão preciosa atenção com a pobreza dos meus dizeres.

Se de historia devo occupar-me hoje, como sugeriu a vossa presidência permitam-me voltar a cento e trinta annos passados, para lembrar Campinas, vila modesta de casas baixas, que se media com o primeiro sol na rua de Baixo, até o traçado onde se estenderia, mais tarde, a rua das Flors já iniciada nas taipas posteriores da construção da Matriz Nova; e da rua do Picador à rua das Campinas Velhas, rua que se chamaria de São Carlos como, então, já chamavam a vila criada em 1797.

Campinas já era rica; seus engenhos ou fábricas de fazer açúcar já se haviam multiplicado multiplicando as fortunas particulares; já era ativo o seu comércio exportador e se formara o centro comercial indispensável à vida das propriedades agrícolas poderosas e populosas de braço escravo numeroso. As casas urbanas simples, pois os ricos as tinham para assistir as festas religiosas, estendiam seus grandes quintais, vedados algurs, e outros em comum com os vizinhos, para economia de fechos.

Uma casinha de porta e janela, na rua da Matriz Nova, depois Regente Feijó, bem próxima à rua da Ca-deia, depois Bernardino de Campos, foi escolhida por Maneco Músico para agasalhar seus filhos de segunda união. Nela nasceu quem se chamou Antônio Carlos Gomes, o menino pobre que seria aqui o que não muitas terras possuem: luminar que risca indelevelmente a existência humana.

Campinas que mal completara sessenta e dois annos desde sua fundação em 1774, se tornava o berço de um génio que lhe sternizaria o nome no mundo das harmonias celestiais da música, nas nas quais se embalam em extase, os que tem ouvidos para ouvir e sensibilidade para sentir a mais divina das artes. E se este berço fosse de ouro, circundado do verde dos canaviais; se o agasalhasse um amplo sobradão de beirões nobres e taipas de pilão; se o tivesse ladeado um leito de armação, brocados e cortinações de renda; se o tivessem composto lençóis alvinitentes de linho; não faltariam ao menino venturas e poderio com que engalanar a existência e lev-la a termo nos prazeres e foalganas.

Mas o berço de Carlos Gomes foi pobre e obscuro: no tugúrio de Maneco Músico, cercado de paredes de pau a pique, punha-se ao lado do catre modesto, não chão de terra socada, com abrigo da telha vã de pequena alcova. O berço não lhe deu força,

o berço não lhe deu glória, o berço não o immortalizou.

Ao nascer Carlos Gomes, naquela casinha modesta da rua da Matriz Nova, naquele corpinho moreno do recém-nascido, naqueles paninhos de algodão que o agasalhavam, o que surgia era uma estrela brilhante no céu azul maravilhoso de Campinas; Deus dava a Campinas o seu maior talento. E não fale aqui o embevecimento por esta terra e nem se expandam os ardores de uma paixão musical: que os passos de uma vida de força e de realização, de sofrimento e de glória, deixem-nos visíveis as suas pegadas, para que nos seus axiomas e numa rememoração fugaz, possamos rever o brilho de uma individualidade.

Carlos Gomes passou sua infância e percorreu sua adolescência, na escola severa do pai, fantasiando seu futuro na ansia do saber e da cultura que desejava haurir dos melhores mestres da velha e culta Europa, nas tocatas, nos ferrinhos e no flautim, na organização paterna, e nos recolhimentos dos estudos aos quais se dedicava com ardor.

Ouvido em Campinas, no sábado de aleluia de 1859, por estudantes de direito de São Paulo, como conta seu historiador Carlos Fenteado de Rezende, espalhou-se o seu prestígio de músico de talento o que o levou à Capital e o fez íntimo dos mocços das Arcadas, para que indicasse sua elevação como predestinado artista. Seu primeiro concerto teve "éxi-

to integral e o teatro do Pá-tio do Colégio estremeceu com as exclamações do público"

Novo concerto, novo triunfo, novas tertúlias com os estudantes, lembrança de composição do hino acadêmico, foram novas conquistas do jovem que ensalava seus primeiros fugos de celebridade. O hino dos acadêmicos que seria chamado "A Marselhesa da Mocidade", "soou no teatro como um clarim de conchamação às fileiras. Foi um rebate viril, congregando num só e inspirado canto os anseios dispersos da mocidade".

Desta época, como diz seu historiador acima citado, é "aquela modinha suavíssima intitulada Quem Sabe, conhecida no Brasil inteiro pelas suas primeiras palavras: Tão longe de mim distante...". Estava iniciado o futuro brilhante que aspirava o jovem de Campinas, a cidade que se projetaria no mundo da arte pelo talento Carlos Gomes.

Mas, Carlos Gomes iniciava; e destas primeiras tentativas, alçou seu primeiro vôo dirigindo-se ao Rio de Janeiro, onde se foi aperfeiçoar. Dos trabalhos de seu centenário, vejamos Carlos Stevenson e Odécio de Camargo, seus biógrafos; de notícias mais atuais e constantes, veja-se o maior e mais profundo conhecedor da vida de Carlos Gomes, o historiador artista José de Castro Mendes; com dois annos de estudo na Corte, embevecido com a música florentina que nos deu a ópera,

o "feitiço sob forma de música", a "harmonia de todas as artes", "festa dos olhos, dos ouvidos e da alma". O músico campineiro escreveu sua primeira obra lirica, a "Noite do Castelo" que cantada em 1861 foi ousadia e sucesso pleno pois, "ao terminar cada ato era Carlos Gomes chamado ao procênio, vitorioso e brindado com corôas e flores; no fim do espetáculo o entusiasmo quase tocou às raias do delírio"

Dois annos depois, cantava-se sua segunda ópera, "Joana de Flanores", "obra de larga envergadura artística", com successo que sobrepujou o primeiro. Registre-se, em seguida, seu aprendizado em Milão, onde se fixara graças a Dom Pedro Segundo.

O menino que nasceu na rua da Matriz Nova, que tocava ferrinho em Campinas, se agigantava como maestro compositor na Itália, a terra da arte, a terra que só no seculo passado tinha compositores que se chamavam Cherubini, Spontini, Rossini, Bellini, Donizetta, Verdi, Ponchielli, Boito, Leoncavallo, Puccini, Mascagni, e tantos outros que chegaram até aos nossos parcos conhecimentos de musica; foi aí que o nome de Campinas se converteu da obscuridade de vila desconhecida, em pátria de génio, em terra gloriosa que ofereceu ao mundo as fulgurações de um talento de exaltação inspirada e soberba; foi aí em 1876, que Campinas nasceu para a glória.

(continua amanhã)